

AFRICANIDADES DA FEIRA DE BODOCÓ: PRODUTO, PRODUÇÃO E DISTRIBUIÇÃO.

Alexsandra Flávia Bezerra de Oliveira¹.

Henrique Antunes Cunha Júnior².

Resumo: A feira de Bodocó vem atuando como fator de desenvolvimento urbano da cidade, bem como traz visibilidade aos elementos materiais e imateriais de culturas de base africana que estão presentes no cotidiano da feira. A pesquisa foi desenvolvida sob o método da História Oral onde tivemos acesso à herança ancestral africana presente na feira através de alguns produtos lá comercializados, bem como a histórica ação desse evento semanal de comércio na construção e constituição da cidade, influenciando diretamente no fluxo de pessoas e nos processos de urbanização. Tendo acesso a tais informações, concluímos que a feira constitui-se eixo de desenvolvimento urbano da cidade de Bodocó. Conta com presença da herança africana corroborando para a dinâmica do fluxo de pessoas, mercadorias e aumento da urbanização.

Palavras-chave: cultura; feira livre; africanidade e afrodescendência.

1. Do conceito às praticas da cultura.

A diáspora africana no Brasil constituiu uma população de cerca da metade da brasileira produzindo uma cultura diversa incrustada nas culturas regionais brasileiras e nem sempre identificadas como culturas de matriz africana. Os movimentos sociais Pan africanos datam do início do século 20 e constituíram uma forma de repensar a África, a cultura africana e da diáspora desde dentro, ou seja, como certa autonomia em relação ao eurocentrismo e a cultura eurocêntrica. Consiste num movimento político, filosófico, cultural e econômico que procurou discutir a autonomia mental das sociedades africanas e das formadas na diáspora africana pela retomada dos valores e conhecimentos africanos que ficaram aviltados e estigmatizados como atrasados ou de menor valor devido aos processos da dominação impostos pelas sociedades européias através do

¹ Doutoranda em Educação Brasileira no âmbito da Universidade Federal do Ceará - UFC. alexsandra_flavia@hotmail.com

² Professor Titular da Universidade Federal do Ceará - UFC. hcunha@ufc.br



escravismo criminoso, do colonialismo, do racismo e do eurocentrismo. Um longo processo de estabelecimento de conceitos, aportes teóricos e metodológicos se desenvolveu ao longo deste século tanto na africana como entre as populações da diáspora procurando reintroduzir a África e a diáspora africana na cultura universal, visto que das perspectivas racistas, colonialista este continente não continha cultura.

Na área dos estudos sobre cultura um dos conceitos importantes neste movimento pan Africano é o estabelecido por Diop na década de 1970. O conceito da unidade na diversidade. Neste conceito temos as culturas africanas em um só ponto de partida: nas civilizações do Rio Nilo e que passam por uma grande diversificação sem contudo perder o fio condutor da base estética e filosófica africana. Existe uma imensa diversidade cultural, parte de uma história única e de um território continental, com características fundamentais, únicas, singulares e encontradas somente aí. O conceito de unidade na diversidade se estende a diáspora africana.

Assim a sociedade brasileira produz parte do acervo cultural resultado do contínuo processo de diversificação da matriz africana. Nesta ótica e com base nos princípios do pan africanismo é que desenvolvemos um novo olhar sobre a cultura brasileira, indo além das definições de cultura popular ou cultura negra, mas sobre culturas resultantes das transformações das culturas africanas na diáspora.

No campo conceitual brasileiro criamos dois conceitos que permitem recuperar os feitos populacionais sem o enfoque de raça e que permita uma reapreciação dos valores da cultura material e imaterial. Assim trabalhamos com os conceitos de Afrodescendência e de Africanidades.

O transporte de produtos, tecnologias, conhecimentos entre o continente africano e o brasileiro é assunto que passa na atualidade por uma reavaliação. Vistos efeitos racistas do pensamento da cultura material e imaterial brasileira era imputado ao europeu e não as populações africanas. Seguindo a linha de pensamento de Manoel Querino (1918), o africano colonizou o Brasil e estabelecemos uma procura das africanidades nas culturas do nordeste brasileiro.

A cidade de Bodocó no sertão pernambucano é uma localidade que tem a sua urbanização e desenvolvimento construído pela existência da feira que lá ocorre. Trata-se de uma feira de produtos regionais que se espalha pela cidade, onde as ruas concentram especialidades de mercadorias, chegando a receberem o nome dos produtos.

Este artigo tem como base uma dissertação de mestrado em educação e possui um enfoque dentro dos estudos multidisciplinares sobre cultura, recebendo contribuição dos estudos sobre população, urbanismo, história, sociologia e economia.

Apresentamos os conceitos e enfocamos a geografia e história da região de onde vem os produtos da feira. Como são obtidos e quem os faz. Por último através da fotografia apresentamos a iconografia desta feira de Bodocó.

2. Os conceitos.

Trataremos aqui de alguns conceitos que nos auxiliam na discussão pretendida e, dessa forma iniciamos com cultura que traz uma grande diversidade de discussões uma vez que "não é algo ou um modelo determinado e completo que permanece da mesma forma em qualquer conjuntura; ela é algo que se reorganiza de acordo com a estrutura em que se organiza" (DOMINGOS, 2011, p. 130). Este é um termo que traz em si a multiplicidade de interpretações e de definições que, ao longo da história, recebeu definições diversas relacionadas ao seu caráter dinâmico e heterogêneo, bem como à forma de se pensar e fazer ciência nos diferentes períodos. Assim, observamos a antiguidade clássica entender cultura como uma autoeducação, de uma tentativa do sujeito desenvolver as potencialidades humanas (SODRÉ, 1988); Tylor, no século XIX, relacionar cultura a todas as possibilidades de produção humana (SODRÉ, 1988; LARAIA, 1999; WHITE, 2009); no mesmo século XIX, ao conceito de cultura é atribuído valores deterministas biológicos e geográficos com o intuito de inferiorizar populações que não eram identificadas como europeias e/ou estadunidenses, bem como suas produções culturais. Iniciou-se, então o discurso de que a humanidade teria que passar por diversas etapas evolucionistas e que estas teriam iniciado no momento em que o ser humano se diferenciou dos demais animais e culminaria no estágio civilizado tal qual se encontrava a sociedade europeia da época. Acreditava-se que todos os grupos humanos passariam inevitavelmente por essa escala evolutiva em linha única até a chamada civilização (SODRÉ, 1988; SANTOS, 2006; LARAIA, 1999).

Porém, apesar de tantas idas e voltas nós “vamos pensar a cultura como um acervo de conhecimentos, materiais e imateriais, utilizados pela sociedade nos seus aspectos da população, do lazer e da sociabilidade” (CUNHA Jr, 2011, p. 102). E com base nesse pensamento não classificamos ou qualificamos as diferentes e múltiplas manifestações culturais produzidas pelos diversos grupos humanos ao longo da história,

nós pretendemos, apenas, conceituar, a partir daí africanidade e afrodescendência e sua relação cultural.

Ao falarmos de africanidade estamos tratando de toda uma gama de conhecimentos que foram desenvolvidos na África pelos diversos povos e etnias africanas e que, por tanto, trazem a cosmo visão africana que através da tradição oral tornou-se uma “herança de conhecimentos de toda espécie, pacientemente transmitido de boca a ouvido, de mestre a discípulo, ao longo dos séculos” (BÂ, 2010, p.167). A africanidade cruzou o Atlântico em direção ao Brasil através do escravismo criminoso em que africanos e africanas mestres e mestras de diversos ofícios foram obrigados a sair de suas terras e virem trabalhar na, então, colônia portuguesa. Ao chegar ao Brasil trouxeram consigo todos os conhecimentos, tecnologias, técnicas de trabalho, assim como modo de vida, de pensar, sua religiosidade, em fim, todo o seu arcabouço histórico-cultural que será aplicado em terras brasileiras com adaptações ao território, às matérias-primas encontradas, às condições ambientais, ao regime de trabalho, modo de viver, etc. Dessa forma denominamos afrodescendência todo acervo cultural produzido por africanos e afrodescendentes em território brasileiro onde aplicaram seus saberes ancestrais fazendo as devidas adaptações e adquirido novos conhecimentos através do tempo, ou seja. traços culturais africanos, da cultura africana transformada ou “reprocessada no Brasil” (CUNHA Jr., 2008, p. 234).

Tratamos então, enquanto cultura africana todo um conjunto de produções materiais e imateriais humanas em relação com a natureza e o grupo social ao qual faz parte delimitado dos povos africanos. E, entendemos que parte dessa estrutura cultural foi transplantada para o Brasil na diáspora forçada onde africanos e africanas sofreram o escravismo criminoso.

Diversos elementos da cultura africana são encontrados no Brasil, devido a ampla presença de africanos nos mais diversos campos do trabalho na empresa colonial, como também, nas práticas diárias de seus ritos, costumes e tradições. Essa cultura trazida da África para o Brasil foi reelaborada em terras brasileiras, uma vez que "o humano é, por sua vez, agente transformador e reorganizador da realidade que está inserida, cria condições e refaz as que já estão dadas" (CALAÇA, DOMINGOS, 2011, p. 254).

Dessa forma quando nos referimos a cultura afrodescendente estamos "levando em consideração a dinâmica civilizatória que foi ressignificada e reconstruída pelos afrodescendentes em solo brasileiro" (NUNES, 2011, p. 21) uma vez que nessa histórica

reelaboração "a força de viver com a diversidade e integrar as diferenças sem perder o horizonte da matriz simbólica originária é a principal característica do jogo negro" (SODRÉ, 1999, p. 130).

A feira se mostra como *lócus* da reprodução das relações sociais de produção (DANTAS, 2007), assim como, espaço de comercialização ao ar livre, de reprodução do trabalho, das relações sociais e das manifestações culturais (MIRANDA, 2009). Essa no município de Bodocó se constitui como uma vitrine das manifestações e do patrimônio material e imaterial africano e afrodescendente (OLIVEIRA, 2013), uma vez que expõe os artefatos da cultura negra presentes no município como artigos produzidos em couro (calçados, peças para montaria, etc.), barro (panelas, potes, pratos, etc.), fibras naturais (cestos, balaies, esteiras), entre outros. Tais artefatos trazem consigo a africanidade e a afrodescendência uma vez que eram produzidos em África e suas técnicas de produção foram trazidas para o Brasil e adaptadas às nossas terras admitindo também a influência de outras culturas como a nativa brasileira.

3. Especialidade regional da produção comercializada na feira.

Assim como em suas terras de origem, os africanos praticavam suas profissões em terras brasileiras uma vez que foram postos a trabalhar em diversas áreas produtivas no Brasil onde também aplicaram seus conhecimentos. Com isso, africanos e afrodescendentes instalaram oficinas e/ou trabalharam como ferreiros, carpinteiros, sapateiros artistas, pedreiros, marceneiros, roceiros produzindo grãos, tecelões, etc. Como também, as mulheres faziam comidas, hortas, para praticarem um comércio ambulante (DIAS, 1995; CASTELLUCCI, 2008).

Em Bodocó a feira acontece às segundas feiras e ocupa as ruas do centro da cidade com suas barracas que expõem uma grande variedade de produtos locais e trazidos de outros municípios. Assim, num misto de atividades econômicas e de sociabilidade ocorria (ocorre) a feira em Bodocó onde o produtor rural local tinha a possibilidade de comercializar sua produção grãos, frutas, farinha, etc.:

A feira era como toda cidade do sertão. Era de milho, feijão, farinha, goma. [...] Era fruta, banana, mamão, as frutas da terra e outras que vinham de fora, nera? A feira daqui na região sempre foi boa. Tinha muita rapadura... (Joathan Marques, 14/02/13).

A feira era muito boa, tinha muita coisa. E essas coisas assim de criatório toda vida teve, né. Meu pai era machante [...] vendia carne na feira. (...) Tinha muito desses

cereais, da farinha do feijão que vem pra feira é tudo de lá mesmo de Sipaúba, Cacimba Nova, Feitoria, né. Tudo vem pra cá. Do sertão [...] o queijo né (Francisco Sobrinho, 19/03/13).

Esses produtos são historicamente comercializados na feira de Bodocó. Alguns em lugares diversos, mas a maioria com lugares específicos, mas são expostos a tanto tempo no mesmo espaço que acabaram substituindo os nomes das ruas e transformando-as em lugar. Nesse sentido temos a Rua da Feira da Farinha ou somente Rua da Farinha, oficialmente Rua Maestro Carlos Gomes; a Rua Nelson Araújo, mais conhecida como Rua da Fruta; e a Rua São Francisco chamada de Rua do Queijo. Na imagem abaixo dispomos de uma visão aérea do centro de Bodocó onde podemos ver as ruas que são ocupadas pela feira, todas o são apesar de algumas não terem "mudado" de nome.

Ao longo dessas ruas eram encontradas diversas produções oriundas de nosso município como artigos em barro, couro, caroá. Hoje são ofertadas em menor quantidade ou não são produzidos mais em nosso município. Esses artefatos trazem a herança ancestral das técnicas e tecnologias de produção uma vez que foram transmitidos como herança de família ou ensinada por pessoas negras.

Assim, havia na feira inúmeros objetos produzidos em barro que eram trazidos da Vila Sipaúba (pertencente ao município de Bodocó) e/ou dos sítios vizinhos, onde as louceiras, como chamamos as mulheres que produzem artigos em barro, confeccionavam panelas, potes, pratos e traziam para a cidade no intuito de comercializá-los na feira, mas para além de realizar um comércio essa produção e comércio salvaguardou parte da herança ancestral africana e afrodescendente em Bodocó, uma vez que as técnicas de produção eram transmitidas das mulheres mais velhas para as mais novas no seio familiar (OLIVEIRA, 2013).

Além de artigos em barro encontrávamos cordas, esteiras, cestos e balaio tecidos a partir de fibras de caroá ou de cipós. A arte de tecer também se constituiu em uma herança familiar, D. Josefa da Silva nos contou que aos “dez anos o nosso emprego era fabricação de balaio. Tirar cipó na mata, assim eu e minha mãe. Eu ia ‘pro’ mato tirar cipó mais ela [...] Nós trabalhava de caçoá e balaio” (08/10/10). Sr Joatam se lembra que muitas outras coisas eram encontradas na feira: “tinha muito era coroá, nera? Muita corda, capanga, né, pano de preguiçosa [...] e era enfeitadinha” (14/02/13).

Como o sertão em que Bodocó se encontra teve a marca da colonização através do gado, não poderiam faltar os artigos em couro que tinham sua origem no próprio município. Havia curtume para beneficiamento do couro e a confecção de gibão, selas,

calçados diversos, arreios. Essa arte foi praticada por diversas pessoas em nosso município, mas o "fabricante" e comerciante mais conhecido é "Seu Dim" que aprendeu a produzir a partir do couro com o "mestre Casimiro". Mestre da arte do couro que era negro e como um bom mestre e ancestral transmitiu seus conhecimentos que foram largamente reproduzidos em Bodocó. Os ensinamentos de Mestre Casimiro ainda vivem através da incipiente produção que ainda é realizada pelo irmão de "Seu Dim", "Seu Chico", que tendo aprendido com ele, mantém uma oficina ao lado de sua casa e continua a confeccionar calçados, onde algumas peças são feitas nos modelos que foram ensinados pelo Mestre Casimiro (OLIVEIRA, 2013).

A produção da farinha de mandioca ocorria e ainda ocorre na Serra do Araripe, parte que pertence ao município de Bodocó. Essa produção foi de fundamental importância para a valorização e boa fama da feira, pois a farinha de boa qualidade atraía compradores e comerciantes de outras mercadorias para o espaço da feira, fato que possibilitou a distribuição dos demais artigos produzidos no interior do município como os aqui citados, grãos, carnes, queijos, etc. Dona Josefa (08/10/10), seu pai e familiares muito trabalharam na fabricação de farinha onde prestavam serviço para os donos das casas de farinha em que o seu pai "trabalhava como forneiro" torrando a farinha, dando o seu ponto final e determinando, em maior parte, a qualidade da mesma.

4. A personalidade dos produtores e as suas afrodescendências.

Nas falas de D. Maria de Lurdes e D. Osana Carneiro, percebemos como era rica a produção em barro e sua exposição para venda nas feiras de Bodocó dessa tradição familiar em que as técnicas são passadas como herança: “aprendi com minha mãe, minha mãe trabalhava de louça e eu aprendi com ela, minha vó, minha sogra, minha família todinha trabalhava com barro...” (M^a de Lurdes, 17/03/13). Dona Ozana (17/03/13) conta que "Ah! Eu comecei fazer panela quando minha mãe ‘tava’ viva, que ela fazia e eu ‘tava’ alí prestando atenção, aquele tempo todinho prestando atenção. [...] eu ainda alcancei a minha vó e ela aprendeu com a mãe dela".

Seguindo a herança ancestral Dona Josefa aprendeu com sua mãe a fazer balaio de cipó, mas sobre os artefatos tecidos em fibras naturais o Sr. José Leontino (06/03/13) nos dá a localização de outra família que também trabalhou tecendo o caroá: “era do sertão, eles são uma família de pretos que vivem ainda no sertão”.

Nos artefatos em couro temos duas referencias são os dois irmãos sapateiros, Sr. Raimundo Pereira e o Sr. Francisco Pereira, conhecidos em Bodocó pela qualidade de seu trabalho. Eles não trouxeram essa arte como herança familiar aprenderam com um senhor oriundo do município de Exú-PE: “aprendi assim, tinha um velho aqui que ele era do Exu e, então, chamava-se [...] mestre Casimiro, ele era muito escuro, era negro” (Raimundo Pereira, 14/02/13). Aprenderam a arte do mestre negro e a tornaram conhecida em toda região produzindo até os dias atuais as modelagens que ele os ensinou.

Falando sobre suas artes , nossos entrevistados sempre nos deixaram claro que sua aprendizagem veio de uma tradição de família ou não, mas transmitida ao longo dos anos e para eles através do principio africano e afrodescendente da palavra e da tradição oral. Nos falaram também sobre as demais pessoas que trabalhavam em diferentes produções como na farinha onde "trabalhava os mais competentes. A maioria era morena, e tinha um povo lá quase preto assim bem moreno mesmo. [...] Ah! Tinha, mais do que mesmo branco nesses engenhos e na farinhada era que tinha... (José da Silva, 06/03/13). Na produção em artefatos de barro onde "o povo daqui é um povo meio caboclo³, né. E elas (as louceiras) eram desse tipo normal daqui" (Joathan Marques, 14/02/13). E ainda dos transportadores da farinha da serra para a feira "eles (os comboieiros que transportavam farinha da serra para a feira) eram morenos tipo caboclo" (Ide. Ibidem).

Encontramos, então diversas manifestações das africanidades que foram adaptadas no caminho natural da cosmovisão africana que aceita o novo e, nesse sentido, evolui se adaptando às novidades para sobreviver ao tempo e às diversidades mantendo, no entanto, a sua essência ou como nos diz Altuna (1985, p. 52): “as filosofias conhecidas na África tradicional, possuem em comum ser dinamistas. Representam o mundo não como uma entidade estável, fixa no ser, mas como um devir em perpétuo crescimento...”. Assim, percebemos como os artefatos da cultura negra estiveram e estão presentes em nosso município através da transmissão do conhecimento das técnicas de produção dos diversos produtos que trazem consigo a herança ancestral africana e afrodescendente.

³Aqui é importante colocarmos que as palavras moreno (a) e caboclo (a) estão presentes neste trabalho como sinônimo de negro (a). Uma vez que nas falas “quando solicitado para definir negro, por vezes, este aparece entendido como sinônimo de moreno” (RIBEIRO, 2011, p. 174).

5. A realização da feira como ato de distribuição e a sua importância na urbanização da cidade de Bodocó.

As feiras nas cidades do interior nordestino são verdadeiros espetáculos de cores, sons e sabores que trazem as características do lugar em que ocorrem. Esses eventos reúnem grande parte da produção local fazendo convergir para a cidade um fluxo de pessoas que não é comum aos demais dias da semana. O dia da feira é dia de movimentação comercial o que movimenta a economia, de circulação de pessoas o que promove encontros e relações sociais diversas, em fim o dia de feira é dia de encontro uma vez que "a feira é tradicionalmente um espaço privilegiado para as relações econômicas e sociais, especialmente no Nordeste brasileiro" (TREVISAN, 2008, p. 17).

Assim, num misto de atividades econômicas e de sociabilidade ocorria a feira em Bodocó onde o produtor rural local tinha a possibilidade de comercializar sua produção grãos, frutas, farinha, etc. Fazendo um espaço de comércio com muita diversidade em gêneros alimentícios, de artefatos diversos para uso doméstico e no trabalho rural, que contava com a participação de comerciantes de outras localidades também.

A feira era e é um espaço privilegiado de exposição e comércio da produção local onde o agricultor e o artesão tem a possibilidade de dar visibilidade àquilo que produz e ao mesmo vender para obter o seu sustento e de sua família. Entre os diversos produtos que encontramos na feira bodocoense destacamos a farinha que vem sendo historicamente produzida na serra do Araripe e transportada por comboios de animais, hoje em carros e carroças, para feira.

A história bodocoense está estreitamente ligada à produção e ao comércio da farinha nas feiras, produto de extrema importância para o sertão nordestino durante um longo tempo por constituir a base de seu sistema de alimentação. No município de Bodocó, a farinha teve sua importância para além do suprir a necessidade de alimentação da população, pois propiciou o aumento das relações econômicas e sociais no local através de sua comercialização nas feiras que ocorriam, e continuam acontecendo, às segundas feiras. Esse fato é notório, pois até o ano de 1924 Bodocó era apenas distrito do município de Granito, mas como situava-se próximo a Serra do Araripe onde havia uma grande produção de farinha tornou-se ponto de venda ofertando-a em suas feiras semanais, fato que provocou a migração de pessoas para o, então, distrito que teve como consequência o desenvolvimento do lugar em termos de

urbanização, bem como a transferência da sede municipal de Granito para Bodocó e sua posterior emancipação (REGIÃO, fev. de 1975).

Temos em Bodocó uma estreita relação entre a feira e a história do município, mas também uma forte ligação entre as tradições afrodescendentes e a feira, uma vez que esse comércio semanal ao ar livre se constitui uma vitrine onde se encontram expostas as africanidades e afrodescendências do lugar, mas que vem historicamente contribuindo para o crescimento urbano, econômico e político do município. Dessa forma não podemos contar ou conversar sobre a história bodocoense sem tocar na feira e não podemos tocar na feira sem perceber as diversas contribuições históricas deixadas por nossos ancestrais negros e negras, bem como sem notar a sua presença e atuação até os dias de hoje.

6. As conclusões.

A inclusão social sistemática das populações negras na sociedade brasileira é um projeto político recente e impulsionado pelas ações afirmativas dos planos de governo e resultantes de mais de um século de movimentos sociais negros brasileiros. No processo de democratização das relações sociais para a população negra existe uma necessidade fundamental de repensarmos os lugares das culturas negras, ou de matriz africana na sociedade brasileira. Este processo político com reflexos nas políticas culturais e educacionais é permeado de novas posturas e enfoques sobre a produção material e imaterial histórica das populações negras, isto dentro de um projeto social que podemos denominar de pós-abolicionista tardio.

Neste artigo foi desenvolvida uma abordagem nova sobre a cultura negra da região da cidade de Bodocó. Os conceitos de africanidade e afrodescendência permitem uma aplicação do significado e da importância da cultura de base africana na sociedade brasileira. Este novo enfoque tem característica multidisciplinar de base de pensamento africano, podendo ser considerada uma contribuição original para pensarmos as culturas negras na sociedade brasileira. A feira da cidade de Bodocó é tratada como uma africanidade brasileira e como motora da constituição da espacialidade urbana desta cidade. Assim, o estudo realizado abre um horizonte amplo para a introdução da história e cultura africana na localidade e como forma de reconsiderar a população africana na construção da histórica desta região.

7. Bibliografia.

ALTUNA, P. Raul Ruiz de Asúa. Cultura Tradicional Banto. Luanda: Secretariado Arquidiocesano de Pastoral, 1985.

BÂ, Hampatê. Tradição Oral. In.: KI-ZERBO, Josef (Editor). História Geral da África. Vol. I. São Paulo: Cortez, 2010.

CALAÇA, Maria Cecília Félix; DOMINGOS, Reginaldo Ferreira. Conceição dos Caetanos: Cultura Quilombola no Interior Cearense. In.: CUNHA Jr., Henrique; SILVA, Joselina e NUNES, Cícera (Org.). Artefatos da Cultura Negra no Ceará. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

CASTELLUCCI JR., Wellington. Pescadores e Roceiros. Escravos e Forros em Itaparica na Segunda Metade do Século XIX (1860-1888). São Paulo: Annablume: Fapesp; Salvador: Fapesb, 2008.

CUNHA JUNIOR, Henrique. Me Chamaram de Macaco e Eu Nunca Mais Fui à Escola. In.: GOMES, Beatriz Souza e CUNHA JUNIOR, Henrique (Org.). Educação e Afrodescendência no Brasil. Fortaleza: Edições UFC, 2008.

_____. Cultura Afrocearense. In. CUNHA Jr., Henrique; SILVA, Joselina e NUNES, Cícera (Org.). Artefatos da Cultura Negra no Ceará. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

DANTAS, Geovany Pachelly. Feira de Macaíba/RN. Um estudo das modificações na dinâmica socioespacial (1960-2006). Natal: UFRN, 2007. (Dissertação Mestrado).

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Quotidiano e Poder em São Paulo no Século XIX. São Paulo: Brasiliense, 1995.

DIOP, C. A. The African Origin of Civilization: myth or reality. NY: Lawrence Hill & Company, 1973.

DOMINGOS, Reginaldo Ferreira. Pedagogias da Transmissão da Religiosidade Africana na Casa de Candomblé Ibasé de Xangô e Oxum em Juazeiro do Norte-CE. Fortaleza: UFC, 2011. (Dissertação de Mestrado).

LARAIA, Roque de Barros. Cultura: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

MIRANDA, Gustavo. A Feira na Cidade: limites e potencialidades de uma interface urbana nas feiras de Caruaru (PE) e Campina Grande (PB). Recife: UFPE, 2009. (Dissertação de Mestrado).

NUNES, Cícera. Reisado Cearense. Uma Proposta para o Ensino das Africanidades. Fortaleza: Conhecimento Editora, 2011.

OLIVEIRA, Alexsandra Flávia Bezerra de. Feira Livre de Bodocó: Memórias, Africanidades e Educação. Fortaleza: UFC, 2013 (Dissertação Mestrado).

QUERINO, Manuel. O Colono Preto Como Fator da Colonização Brasileira, 1918. In.: Afroasia: UFBA, n13. Disponível em www.afroasia.ufba.br/pdf/afroasia_n13_p143.pdf

REGIÃO, Revista Região. Crato, fev. de 1975.

RIBEIRO, Rosa Maria Barros. Relações Étnicas e Educação: Representações sobre o Negro no Ceará. In.: CUNHA JR, Henrique. SILVA, Joselina da. NUNES, Cícera. (Org). Artefatos da Cultura Negra no Ceará. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

SANTOS, José Luiz dos. O que é cultura. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SODRÉ, Muniz. A Verdade Seduzida. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1988.

_____. Claros e Escuros. Identidade, povo e mídia no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1999.

TREVISAN, Emerson. Feira Livre em Igarauçu: uma análise a partir dos dois circuitos da economia; a convivência entre o formal e o informal. Recife: UFPE, 2008. (Dissertação de Mestrado).

WHYTE, Leslie A., DILLINGHAM, Beth. O Conceito de Cultura. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.